

ENTRE A PROFESSORA E A LÍDER CAMPONESA: ESCRITAS DE SI DE UMA EDUCADORA DO CAMPO.

Jadson Pereira Vieira. PPGH/UFPB. E-mail: Jadsonpv@gmail.com¹

Orientadora: Dr^a Susel Oliveira da Rosa PPGH/UFPB, email:
susel.oliveira@gmail.com.²

RESUMO:

Este trabalho surge como forma de evidenciar a História de vida de uma professora e líder camponesa, de nome, Maria de Lourdes de Sousa (Quincas), que em suas trajetórias e vivências sociais desempenhou singular papel de liderança na comunidade Rural Engenho Geraldo, Alagoa Nova-PB, nas três últimas décadas do século XX. Seu perfil indenitário mostra seu peculiar modelo de liderança e educadora, sendo esta, uma agente passível de reflexão histórica na qual tenho por objetivo analisar neste artigo. Baseado nos debates de Gênero, pesando de maneira semelhante a Scoot(2006), bem como uma leitura da História cultural, Burke(2005), busco com este demonstrar parte de uma pesquisa sobre escritas de si de mulheres camponesas. E percebendo no caso específico desta o seu papel de educadora perante a comunidade.

Palavras-chave: História de vida; Mulher camponesa; Educação.

INTRODUÇÃO.

A vida no campo obedece dinâmicas próprias de convivências e sociabilidades dentre os homens e mulheres que nela se constituem. Nesta, surgem possibilidades às narrativas históricas de personagens que se destacam como multiplicadores de conhecimentos educacionais para os demais membros de um dado grupo comunitário. Nestes escritos, busco narrar peculiaridades da História de vida de uma professora do Campo de nome Maria de Lourdes de Souza, Popularmente conhecida Por Quincas³, Apelido pelo qual convencionei menciona-la.

¹ Mestrando pelo programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. PPGH/UFPB.

² Professora Doutora vinculada ao programa de pós-graduação de História da Universidade Federal da Paraíba. PPGH/UFPB.

³ Maria de Lourdes de Sousa (Quincas) é professora aposentada pela prefeitura Alagoa Nova-PB, hoje com 63 anos de idade. Em suas memórias relata sua trajetória profissional e de militância por direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais da região do Brejo paraibano.

Esta mulher, que em sua vida profissional de professora primaria trouxe uma serie de conhecimentos pertinentes de serem narrados a partir de sua História de Vida.⁴

Esta mulher, é uma dentre as cinco que busco estudar na pesquisa de mestrado, *História e memórias de trabalhadoras Rurais: a luta pela terra no Engenho Geraldo de Alagoa Nova PB(1975-1985)*. O objetivo deste trabalho é mostrar se a história de vida de uma das líderes rurais que também é educadora do campo, aspecto este que se caracteriza como uma das problemáticas de minha pesquisa. No que refere-se a metodologia, este sustentasse nos estudos de História oral e nos relatos fornecidos pela entrevistada.

Quincas, Hoje com 63 anos, professora aposentada, teve em sua trajetória de vida experiências relevantes para a construção de sua subjetividade bem como a valorização de uma causa de luta por direitos sociais de seus vizinhos e amigos⁵. Inicia sua militância na educação do campo ainda adolescente mais traz consigo durante toda sua vida ideais de luta e de resistências que de maneira direta influenciaram a memórias coletivas dos membros de sua comunidade⁶, como bem lembrou, Harres (2004), ao concordar com os ditos de Halbwachs, (2006), em relação a natureza da memória individual e coletiva.

As lembranças são organizadas de duas maneiras, em torno de uma pessoa ou no âmbito de uma coletividade, grande ou pequena. Uma vincula-se à vida pessoal e interior, a outra ao mundo social e exterior. Os indivíduos estão relacionados com ambas, contribuindo para a formação das duas, enfim participariam dos dois tipos de memórias, a individual e a coletiva. (HARRES, 2004, P. 146)

A memória individual desta professora fez com que sua História de vida traga aos que lhe acompanharam durante sua vida profissional, uma lembrança coletiva de coloca-la como líder comunitária que é respeitada pelos que conviveram com suas ações de educadora mais também com sua militância pelo direito a terra.

⁴ Sobre História de vida, ver: HARRES, Marluza Marques. **Aproximações entre história devida e autobiografia:** os desafios da memória. História Unisinos Vol. 8 Nº 10 JUL/DEZ 2004.p.150.

⁵ Suas narrativas são evidenciadas várias pessoas que conviveram com a mesma na comunidade Engenho Geraldo.

⁶ O Engenho Geraldo foi uma propriedade de 2.500 hectares aproximados pertencentes a família Tavares De Mello Cavalcante, no município de Alagoa Nova-PB que em 1984 passou reforma agraria promovida pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Nestas terras 555 famílias foram beneficiadas com lotes proporcionais a sua renda e proporção familiar. Dados obtidos na Gerencia regional do INCRA, João pessoa PB, Bairro Pedro Gondim. Em 15 de maio de 2014.

A CONSTRUÇÃO DE UMA PROFESSORA...

Aos 15 anos, Quincas já se comovia com os problemas sociais da comunidade Engenho Geraldo, local que morara desde seu nascimento. A situação de concentração de terras nas mãos dos “Senhores do engenho”⁷ e própria dificuldade de acesso a sua educação eram fatores que acompanhavam este momento da vida desta jovem. Nesta época, ela também inicia seus estudos de colegial (antigo ensino fundamental) e paralelamente começa a ministrar aulas aos alunos do primário na sua casa para ajudar na renda de sua família (mãe e irmãos).⁸

Sua História de vida perpassa a “narrativa de si”, pois semelhante ao que disse, Souza(2008), Em Quincas, tem-se um discurso que durante toda sua vida, transpassou a paixão pela profissão (educadora) e pela luta por direitos a terra, fatos estes que ficaram escritos na sua memória e dos/as seus/suas amigos/as. Sendo ela, uma jovem que inicia-se na carreira por necessidade de se manter e manter sua família economicamente, praticando o magistério mesmo sem ter formação específica. Com o passar dos anos vai adquirindo experiência profissional e conhecimentos de mundo para serem distribuídos com seus educandos. Deste modo, sua própria história torna-se referência para muitos que lhe seguiam na comunidade.

Através da abordagem biográfica o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes. A centralidade do sujeito no processo de pesquisa e formação sublinha a importância da abordagem compreensiva e das apropriações da experiência vivida, das relações entre subjetividade e narrativa como princípios, que concede ao sujeito o papel de ator e autor de sua própria história. (SOUZA,2008, P.45)

Sua formação profissional se consolida a partir de vivências que foram construídas no decorrer da vida, em seus trabalhos de Professora, Costureira - atividades das horas vagas e Agricultora - profissão que lhe acompanhou desde da primeira infância e que fazia de forma paralela ao magistério. Quincas, junta um pouco de dinheiro e vai fazer curso de normalista em Alagoa Grande-PB. Com muito esforço consegue se estabilizar na profissão e ser efetivada anos depois na Prefeitura municipal de Alagoa Nova. A estabilidade lhe trouxe segurança para constituir família.

⁷ Família Tavares de Mello Cavalcante, eram os proprietários da terra até 1982 ano da desapropriação do Engenho Geraldo pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA.

⁸ Entrevista concedida dia 26 Março de 2014.

No começo eu dava aulas em casa, mais depois arrumei uma escola da prefeitura, ai ficou melhor pra mim por que o dinheiro que eu ganhava 15,00 cruzeiros eu trabalhava de Março a novembro e com ele eu pagava 10,00 para escola (continuava estudando) e o resto eu ficava pra compra uma roupinha e uns pedacinhos de pano por que eu mesmo costurava minhas roupas. Depois teve um projeto da prefeitura, e eu fui fazer o magistério em Alagoa Grande que era um curso profissional para melhorar professores.⁹

As narrativas de si que Quincas traçam nas entrevistas o quando sua vivência de mulher transpassou as fronteiras do lar, semelhante ao que diz os estudos feministas à História, *“as teóricas feministas propuseram não apenas que o sujeito deixasse de ser tomado como ponto de partida, mas que fosse considerado dinamicamente como efeito das determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações sociais, sexuais e étnicas”*(RAGO, 1998, P6). Esta mulher quebra a visão de subordinação imposta pelo machismo ocidental e mostra-se como protagonista de uma História possível. Aqui, lembramos que suas ações de vida assemelham-se ao que percebeu Foucault (1988), em História da Sexualidade, no sentido de mostra-se como alguém que mesmo que de forma inconsciente em vários momentos da sua vida lutou contra dogmas estabelecidos para as mulheres camponesas.

O surgimento de vários movimentos de mulheres agricultoras no Brasil colocou em cheque a visão corrente de ‘vítimas’ que se tinha sobre elas, na medida em que estão se impondo como ‘atoras’. Neste momento, porém, os movimentos feministas estão mais voltados para questões de reconhecimento, de identidade, de redistribuição de renda, propriedades e, o que nos interessa mais, terra. (PAULILO,2004, P.229)

Em nem um momento se colocar como vítima ou como mulher de fragilidade no cotidiano desta professora. Em vários momentos apresenta-se como uma militante feminista, mesmo que esta militância não fosse explícita a sua luta que se fazia muito mais pelos direitos dos trabalhadores/as rurais de sua comunidade. *“Eu liderava o movimento em pé de igualdade com os homens não havia diferença não, é tanto que este pessoal nunca me tratou com diferença pois era a gente que liderava luta mesmo então não tinha esta dificuldade...”*¹⁰. Quincas traça estratégias de sociabilidades que a coloca em um lugar de liderança comunitária, bem como a que tinha em seu discurso uma força de militância contra ao poder embelecidos pela sociedade que controlava os papéis que as mulheres deveriam seguir Deleuze(1990).

⁹ Entrevista concedida dia 26 de Maio de 2014.

¹⁰ Entrevista concedida dia 26 de maio de 2014.

PARA ALÉM DA PROFESSORA: A LÍDER COMUNITÁRIA.

Quincas, assume no decorrer de sua vida uma militância em prol da defesa dos direitos dos trabalhadores rurais da comunidade Engenho Geraldo. Ela sensibiliza-se com a falta de oportunidades dos trabalhadores/as que viviam nesta comunidade, pessoas que em certo momento estavam na eminência de serem despejados da terra ¹¹que pertencera as suas famílias a várias gerações. Deste modo, para promover a luta destes agentes históricos. Lança-se, como uma das líderes comunitária ¹² do movimento social de reforma agrária do Engenho Geraldo, ganhando, aqui, em sua história de vida outras narrativas pertinentes de reflexão. Para além da professora do campo, atua como uma militante que irá sensibilizar todos/as da comunidade com intuito de conseguirem a posse definitiva da terra.

“Dentro de mim eu já tinha desde de nova a questão da luta, por que dentro de mim toda vida eu achei, embora que o povo diga que isto e besteira que ninguém precisa de terra que isso não vale nada. Eu sempre achei e a te hoje acho que a terra para o pobre que não tem emprego ainda e uma fonte de trabalho e de uma melhor alimentação, toda vida pensei assim e como eu morava lá e tinha uma posse o meu interesse era que todo mundo tivesse sua terra para trabalhar , eu acho também que a terra e poder você pode ter pouca terra e pode andar por ande andar mais quando você voltar vai está no que e seu , que ninguém vai tirar você dali, isso e um poder que você tem, e também o incentivo do movimento que a gente participava que era a luta pela defesa dos pobres.”¹³

Como Perrot (2002) bem analisou, o espaço público passa a ser galgado pelas mulheres que abrem em suas vidas, não só mais o papel de submissão do lar, mas sim uma busca por de sociabilidades que transcendem os papeis políticos, seria também algo semelhante ao que pensa Scoot(1995) ao ver que os estudos de Gênero pertinentes a percepção da mulher na vivencia social. Quincas, mostra-se como uma atriz social possível de estudo a qual início uma breve percepção de sua História de vida mais que busco novas informações na pesquisa que se caminha em outros aspectos.

REFERÊNCIAS.

HARRES, Marluza Marques. **Aproximações entre história devida e autobiografia: os desafios da memória.** História Unisinos Vol. 8 Nº 10 JUL/DEZ 2004.p.143-156.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva.** 1ed. São Paulo: Centauro, 2006.

¹¹ O medo dos moradores/as perder a terra através de despejo foi um dos principais motivos do início do movimento social.

¹² Suas companheiras de luta eram: Josefa Ermina Cobé (Nêm Cobé), Beatriz Pedro da Costa e Maria de Lourdes de Souza como suas grandes amigas e também lideranças comunitárias. Mas, em

¹³ Entrevista concedida dia 26 de Maio de 2014.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como Fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)Biografia, Identidades e Alteridade:** modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. Revista Fórum Identidades. Ano 2, vol.4, 2008 p. 37-50.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2ª ed. 2008.

Deleuze, Giles. **Post-Scriptum sobre as sociedades de controle.** Conversações: nº 1, 1990. Disponível em < [http:// www.portalgens.com .br/filosofia](http://www.portalgens.com.br/filosofia) > Acessado em 13 de Maio de 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: edições graal, 1988.

PAULILO, Maria Ignez S. **Trabalho familiar:** uma categoria esquecida de análise. Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, Estudos Feministas, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro-abril/2004 P. 229 – 156.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História.** Bauru- SP, 2002.

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, Gênero e História – UNICAMP:** MASCULINO, FEMININO, PLURAL. Florianópolis: Ed.Mulheres,1998.

_____. **Sexualidade e identidade na historiografia brasileira.** Revista Aulas: IFCH/UNICAMP. Dossiê Identidades Nacionais, nº2, 2006.

ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres Ditaduras e Memórias:** “não imagine que precise ser triste para se militante”. São Paulo: FAPESP, 2013.

SCOOT, Joan Wallach. **Gênero:** uma categoria útil da análise histórica. Porto Alegre: Educação e Realidade. Vol, 20, nº2, Jun./Dez. 1995, p.77-99.

SWAIN, Tânia Navarro. **A construção imaginária da História e dos Gêneros: o Brasil no século XVI.** Textos de História, v. 4, nº2, 1996, p. 130-153.